Os Atravessamentos das Apropriações Tecnológicas nas Vivências Migrantes[1]

Marília Moreira Ravanello[2]

Resumo expandido

Ao fim de 2021, a Organização Internacional para as Migrações estimou que há aproximadamente 281 milhões de migrantes no mundo (McAuliffe; Triandafyllidou, 2021). Há, ainda, segundo a Agência da ONU para Refugiados, 108,4 milhões de pessoas entre refugiadas, solicitantes de asilo, pessoas deslocadas internamente e em situação de proteção internacional (UNHCR, 2023). No contexto brasileiro, segundo dados do OBMigra referentes a 2022, a estimativa é que 1,5 milhão de pessoas migrantes, incluindo solicitantes da condição de refugiado e refugiados, residam no país (Cavalcanti; Oliveira; Lemos Silva, 2023).

Segundo o *Data Reportal*[3], com dados divulgados no início de 2023, 64,4% da população utiliza internet, tendo como principais finalidades encontrar informações, manter contatos com família e amigos e manter-se atualizado sobre eventos e notícias. 68% da população possui um telefone celular e 59% usa redes sociais online. Passam-se por volta de 6,5 horas diárias na internet, sendo 2h30min em redes sociais online, e o Facebook é a rede mais utilizada, seguido de Youtube e WhatsApp. No Brasil, estima-se que 84,3% da população utilize internet e 70,6% use redes sociais online. Passam-se 9h32min diárias online, 3h46min dessas em redes sociais online.

Como esses assuntos se relacionam? Os dados apresentados já justificam a

---

[1] Trabalho apresentado no eixo temático "Apropriação de tecnologias digitais em contextos diaspóricos" do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 04 a 07 de dezembro de 2023. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).
[2] Mestranda em Comunicação na UFSM. marilia.ravanello@acad.ufsm.br
[3] Disponível em <https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>. Acesso em 26 jun. 2023.

relevância dos estudos sobre tecnologias e migrações, posto que falar das migrações é abordar a sociedade como um todo, a partir de seu funcionamento, suas estruturas, sua formação e sua perspectiva histórica (Sayad, 2008), e pode-se dizer que as tecnologias atuam de diferentes formas como mediadoras das vivências migrantes. Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é discutir como as apropriações tecnológicas atravessam essas vivências, podendo delinear e orientar os processos migratórios desde o planejamento dos deslocamentos, passando pela manutenção dos vínculos com suas origens até a integração das pessoas migrantes na sociedade recebedora.

A discussão se desenvolve a partir de autores que pesquisam como o viver transnacional (Guarnizo, 2004) é mediado pelas apropriações tecnológicas, como as tecnologias digitais impactam os processos migratórios e como os usos e apropriações dessas tecnologias moldam as experiências dos sujeitos migrantes. Adicionalmente, em tensionamento com os estudos, são analisadas as apropriações tecnológicas de cinco pessoas migrantes residentes no Brasil, entrevistados para a pesquisa de mestrado desta pesquisadora[4].

Compreende-se a apropriação tecnológica com base em Schmitz (2015), que - apoiada em García-Canclini e De Certeau - vê os sujeitos como agentes que, levando em conta suas próprias referências, modificam e reelaboram o que é oferecido a partir das tecnologias, tendo seus próprios modos de fazer e consumir. O viver transnacional é o conjunto de relações culturais, sociais, econômicas e políticas, bem como as trocas simbólicas e de ideias dos sujeitos migrantes que buscam reproduzir as práticas socioculturais de seus países e explorar suas vivências nas sociedades recebedoras, em uma relação de intercâmbio (Guarnizo, 2004).

É parte da vivência migratória a construção de vínculos entre culturas e territórios,

[4]Como material empírico para a discussão, utilizamos cinco entrevistas realizadas para a pesquisa de mestrado (em andamento) desta pesquisadora, que tem como objetivo investigar a percepção de pessoas migrantes sobre os aspectos éticos e interculturais que permeiam o tratamento midiático das migrações. A apropriação de tecnologias digitais, o repertório e o consumo de mídias são discutidos ao longo da entrevista.

facilitados pela apropriação das tecnologias de informação por parte dos migrantes, "tornando possível a experiência de estar aqui e lá ao mesmo tempo, senão fisicamente, ao menos através da mediação tecnológica" (Brignol; Costa, 2016, p. 95). Para Castells (2003), um novo espaço de vida social é viabilizado pela internet, onde as comunidades podem se organizar coletivamente e se reinventar como sociedade. Já Brignol (2010, p. 16) aponta que os usos da internet são responsáveis por "um modo de atuação social, de busca de informações, de lógica de interação, de visibilidade de demandas, de organização em redes de relações que podem ser entendidos como uma renovada forma de cidadania".

Esse novo modo de ser cidadão relaciona-se com diferentes formas de apropriação das tecnologias por parte dos migrantes, como a construção de redes intra e interculturais, o suporte para o processo migratório e o apoio para compreensão das políticas migratórias no Brasil, que podem ser vistos como um uso solidário das tecnologias; e a reconstrução de vínculos com suas origens (Brignol, 2021; Cogo, 2015; Costa 2017). Outras formas de uso passam pelo aprendizado de idiomas, também visto como educativo, e o uso midiático, quando os migrantes buscam preencher "algumas lacunas deixadas pela mídia tradicional na produção midiática sobre a migração" (Costa, 2017, p. 183). Para além desses usos, Brignol (2021) apresenta, ainda, associativismo migrante; apropriações relacionadas às famílias e relações transnacionais; empreendedorismo social e cultural; vivência religiosa transnacional; e cidadania migrante e políticas de posição antirracismo.

Tais usos e apropriações das tecnologias digitais podem ser observados junto aos interlocutores migrantes entrevistados. Residentes no Brasil, com idades entre 24 e 41 anos, Zuel[5] e Vene são venezuelanas; Conra, nasceu na França e se identifica como congolês-francês; Kist é paquistanês e Cote é marfinense. Os cinco têm telefones celulares e acessam facilmente a internet. Com exceção de Vene, todos utilizam, como principal meio para acesso à informação, o celular, que também é o meio favorito para entretenimento para

[5]Em conformidade com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM, que garante a não identificação dos participantes, foram criados pseudônimos para cada um dos entrevistados.

Conra, Cote e Vene.

Tendo o Brasil em seus planos, Cote passou a se comunicar com um migrante marfinense que residia no país. Sua chegada foi facilitada pelo amigo, que o ajudou com trâmites para encontrar sua residência e regularizar sua situação migratória junto à Polícia Federal. Ao decidir migrar para o Brasil, Zuel e sua família buscaram informações junto a outros venezuelanos que já estavam no país. Seu marido veio primeiro e, com as informações recebidas, já sabia como proceder na solicitação para a condição de refugiado, o que facilitou, posteriormente, sua chegada. Já Kist, antes de vir ao Brasil, além do que foi repassado pelo seu pai, que já estava morando no país, buscou mais informações no Google e no Youtube. Assim que começou seu negócio, uma amiga venezuelana de Vene que já estava no Brasil recomendou que ela falasse com um jornalista brasileiro com muitos seguidores no Instagram, com o intuito de obter apoio e alavancar suas vendas. Vene deu uma entrevista, mas a matéria nunca saiu e o comunicador sumiu.

Kist participa de dois coletivos migrantes: um de paquistaneses que residem no Brasil, com a finalidade de dar suporte aos migrantes que estão vindo e aos que já estão aqui, e outro de migrantes que estudam em sua universidade. Cote faz parte de um coletivo de estudantes marfinenses residentes no Brasil: o grupo foi formado durante a pandemia para ajudar migrantes que passavam por necessidades, e todas as demandas eram encaminhadas, também, para a embaixada da Costa do Marfim. Mesmo com o fim da pandemia, o grupo segue existindo “para ajudar os outros que virão no futuro, ajudar na documentação, na questão da moradia, nas coisas que dá para fazer” (Cote).

Cote passa o dia inteiro no celular e tem perfis em diversas redes sociais online: Twitter, Instagram, Facebook, LinkedIn e Snapchat. “Pra pegar o jeito de como as pessoas falam” (Cote), Cote ouvia rádios brasileiras pelo celular em seu processo de aprendizado do português. Vene aprendeu português com o auxílio de Mundo Bita e Palavra Cantada, memorizando as canções que seus filhos escutavam e assistiam pelo YouTube. O aprendizado de idiomas de Conra também passou por apropriações de tecnologias: foi

através da plataforma de podcasts iVoox que ele aprendeu espanhol.

Vene tem perfil pessoal no Twitter e perfis pessoal e profissional no Instagram: ela gerencia, junto ao seu marido, o perfil da sua empresa de comida venezuelana. Vene ressalta o trabalho do jornalista venezuelano Sergio Novelli - que ela segue no Instagram -, que migrou para os Estados Unidos e utiliza seu perfil como ferramenta para "divulgar informação importante, que o migrante não consegue de outro jeito" (Vene). Cote conta que tem vários amigos migrantes que produzem vídeos para falar do continente e dos países africanos, para mostrar a realidade e alinhar a expectativa das pessoas, mostrando "as mentiras que as mídias falam" (Cote).

Conra tem um blog em que escrevia, em francês e português, sobre as vivências de um migrante africano no Brasil. Ele tem um perfil no Twitter e é bastante ativo na rede, mas não utiliza seu nome real para não ser encontrado facilmente. Zuel tem perfis no Instagram, Facebook, Twitter e LinkedIn, e um perfil profissional no Instagram do seu podcast sobre migrações. Zuel decidiu começar o podcast por diferentes motivos, entre os quais repassar o conhecimento que tinha frente à regulação e o controle migratórios no Brasil e produzir conteúdo a partir da visão de uma migrante, uma vez que, em sua percepção, a mídia aborda as migrações por um viés trágico e triste, além de manipular as informações. Kist, que tem perfil no Facebook e no Instagram, conta que, se tivesse tempo sobrando e soubesse um pouco mais sobre tecnologias, teria um canal no Youtube para falar sobre o Paquistão e sobre migrantes paquistaneses que empreenderam no Brasil. Dessa forma, ele acredita que poderia mudar a percepção da sociedade sobre os migrantes.

Os dados apontam que há redes de apoio intracultural que funcionam bem - e orientam o caminho para futuros migrantes - e há redes interculturais que deixam a desejar; há um uso educativo de plataformas para aprendizado de idiomas, bem como um uso midiático, para tomar para si o protagonismo na comunicação sobre as migrações. São muitas similaridades, mas cada migrante, na apropriação que faz das tecnologias digitais, carrega singularidades que atravessam suas vivências. "O imigrante só existe na sociedade

que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante 'nasce' nesse dia para a sociedade que assim o designa" (Sayad, 1998, p. 16). Pelos relatos, pode-se perceber que esse "nascimento" como migrante é atravessado por diferentes apropriações tecnológicas que, como mencionado, podem moldar as trajetórias migratórias dos sujeitos.

Palavras-chave

apropriações tecnológicas; usos sociais das tecnologias digitais; migrações; migrantes.

Referências

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Migrações transnacionais e usos sociais da internet:** identidades e cidadania na diáspora latino-americana. 2010. 404 p. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo. 2010.

BRIGNOL, Liliane Dutra. **Tecnicidades e Identidades Migrantes nos Usos Sociais das Mídias:** Uma Aproximação à Diáspora Senegalesa no Sul do Brasil. **Dados**, v. 64, n. 2, p. e20180317, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/gNWykz9bKLJh79zCVYbJZkz/?lang=pt#>. Acesso em 05 nov. 2023.

BRIGNOL, Liliane Dutra; COSTA, Nathália Drey. Migração e usos sociais do Facebook: uma aproximação à webdiáspora senegalesa no Rio Grande do Sul. **REMHU:** Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana [online], v. 24, n. 46, 2016, p. 91-108. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/579>. Acesso em: 07 dez. 2021.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet:** reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Tadeu de.; LEMOS SILVA, Sarah. **Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2022.** Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2023. Disponível em:

<https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/dados-consolidados1>. Acesso em: 10 jul. 2023.

COGO, Denise. Internet e Redes Migratórias Transnacionais: Narrativas da Diáspora sobre o Brasil como país de Imigração. **Novos Olhares**, v. 4, n. 1, 2015, p. 91-104. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/102224>. Acesso em: 05 nov. 2023.

COSTA, Nathália Drey. **Mídias e migrações:** a representação de si e a representação midiática da identidade senegalesa em diáspora. 2017. 200p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2017.

GUARNIZO, Luis Eduardo. Aspectos económicos del vivir transnacional. **Colombia Internacional**, n. 59, 2004, p. 12-47.

MCAULIFFE, Marie; TRIANDAFYLLIDOU, Anna. **World Migration Report 2022.** International Organization for Migration (IOM), Geneva: 2021. Disponível em: <https://publications.iom.int/books/world-migration-report-2022>. Acesso em: 07 dez. 2021.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade.** São Paulo: Edusp, 1998.

SCHMITZ, Daniela. M. Consumo, sentidos, usos e apropriações nas pesquisas de recepção: nem tão sinônimos, nem tão distantes. **Intexto.** Porto Alegre, n. 34, p. 255–275, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/58546> . Acesso em: 18 mai. 2023.

UNHCR. **Global Trends Forced Displacement in 2022**. UNHCR Global Data Service. Copenhagen, Denmark, 2023. Disponível em: <https://www.unhcr.org/global-trends-report-2022>. Acesso em: 10 jul. 2023.